

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**“SÓ HOMENS FOTÓGRAFOS, ELA A ÚNICA MULHER”<sup>1</sup>: A trajetória de Célia Sicsu, a Primeira Fotógrafa Parintinense século XX<sup>2</sup>**

**Pedro Melo Coelho Neto<sup>3</sup>**

**Roger Kenned Repolho de Oliveira<sup>4</sup>**

**Resumo:** O presente artigo examina a trajetória de Célia Sicsu dos Santos, possivelmente primeira mulher fotógrafa de Parintins-AM, buscando documentar sua história de vida e compreender sua contribuição no contexto em que viveu. A pesquisa, situada nos campos da História Oral, Memória e Gênero, baseia-se nos relatos orais de seus filhos, permitindo observar as dimensões de sua experiência como mulher que enfrentou e rompeu barreiras em um ofício majoritariamente masculino. À luz de discussões sobre gênero como categoria de análise, refletimos sobre os desafios e desigualdades presentes em sua trajetória. Metodologicamente, o estudo utiliza a História Oral para análise dos depoimentos, complementados por fontes secundárias que ampliam a compreensão de seu percurso e legado.

**Palavras chave:** Célia Sicsu; Fotografia; Gênero; Memória; História Oral.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de Célia Sicsú dos Santos, possivelmente uma das primeiras mulheres fotógrafas de Parintins. A pesquisa tem como base relatos orais cedidos por seus filhos Odicélia, Paulo e Paulo Roberto.

As entrevistas nos ajudam a conhecer a trajetória desta mulher fotógrafa, e mostram como um ato de recordar opera como um exercício de salvaguarda da memória, aproximando-se do conceito de “guardiã da memória” proposto por Ângela de Castro Gomes (1996), segundo o qual certos sujeitos assumem a tarefa simbólica e política de preservar, organizar e narrar as histórias de suas famílias.

A opção por trabalhar com história oral está ancorada na compreensão de que a palavra falada constitui um espaço que evidencia vozes muitas vezes marginalizadas. Como destaca Alessandro Portelli (2010), o trabalho com fontes orais não se trata de “dar voz aos sem voz”, mas de amplificar vozes que já existem, ainda que permaneçam à margem do discurso público.

---

<sup>1</sup> Título extraído a partir da entrevista de Odicélia Sicsu

<sup>2</sup> Artigo apresentado como requisito básico para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História pelo CESP-UEA.

<sup>3</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP/UEA; E-mail: [xpdrocoelho@gmail.com](mailto:xpdrocoelho@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFAM) com relatório de tese qualificado. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (2021) e licenciado em História pela Universidade do Estado do Amazonas (2019). E-mail:

O cenário desta pesquisa é a cidade de Parintins, no estado do Amazonas, especialmente a década de 1980, período em que Célia Sicsu atuou no ofício da fotografia. A partir das entrevistas realizadas, torna-se possível não apenas compreender o contexto em que dona Célia iniciou sua trajetória profissional, mas também analisar sua biografia e reconhecer como ela se consolidou na história da fotografia parintinense.

Este artigo também incorpora uma perspectiva dos estudos de gênero, utilizando entrevistas feitas com filhos de Dona Célia Sicsu, destacando sua importância como mulher fotógrafa em um contexto historicamente marcado pelo silenciamento feminino. Como ressalta Perrot (2007), “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas.”

Assim, esta pesquisa busca iluminar uma trajetória que, por muito tempo, permaneceu à margem dos registros oficiais. Ao evidenciar sua presença e atuação em um ambiente predominantemente masculino, reafirma-se a importância de revisitarmos histórias como a sua, que revelam a força das mulheres em contextos onde suas vozes foram possivelmente silenciadas. Ao valorizar as narrativas contadas por seus filhos, torna-se possível compreender como a história oral contribui para preservar trajetórias como a de Célia, permitindo que sua história seja reconhecida.

## 1. BIOGRAFIA DE CÉLIA SICSU

Figura 1 Foto de Célia Sicsu no Festival Folclórico de Parintins em 1989



Fonte: 2 Acervo de Odicelia Sicsu cedida para o pesquisador

Célia Sicsu dos Santos nasceu e cresceu em Parintins, filha de Davi Faria Sicsu e Elvira Marinho Sicsu. Sua família materna carregava a memória da imigração judaica para o Amazonas, vinda durante as fugas do nazismo uma história preservada entre parentes e registros familiares. Criada em um ambiente de fé dentro da Igreja Cristã Evangélica, Célia tornou-se desde cedo uma mulher de força prática, sensibilidade e múltiplas habilidades.

Ainda jovem, conheceu José Ribamar Fernandes dos Santos<sup>5</sup>, seu futuro marido, conhecido como Sócio. Ele chegou a Parintins com bom poder aquisitivo, dono de um regatão e responsável por trazer as primeiras motos para a cidade, que alugava enquanto movimentava seu comércio.

Segundo Odicélia<sup>6</sup>, relata que a vida de sua mãe com seu pai Sócio foi tranquila. Era culto, requintado, de fala elaborada, bom cozinheiro cheio de hábitos refinados, e um excelente fotógrafo, no qual, apresentou esse ofício para sua esposa. Porém, ao longo dos anos, ele ficou muito doente. À medida que as crises aumentavam, Célia passou a trabalhar para sustentar a casa. Com cinco filhos pequenos, permanecia serena, responsável e dedicada ao lar em meio às dificuldades. Apesar disso, Odicélia relembra momentos felizes de infância, cheios de brincadeiras ao lado do pai. Abaixo uma fotografia da família Sicsu dos Santos. Da esquerda pra direita Seu Socio, a filha Regina, mãe Célia Sicsu e o filho mais velho Paulo Sicsu.

Figura 3: Da esquerda pra direita Seu Socio, a filha Regina, mãe Célia Sicsu e o filho mais velho Paulo Sicsu



*Fonte: Imagem cedida por Odicélia Sicsu, que está armazenada no acervo do pesquisador.*

---

<sup>5</sup> José Fernandes dos Santos, fotógrafo esposo de Celia Sicsu

<sup>6</sup> Filha de Célia Sicsu dos Santos e José Ribamar Fernandes dos Santos (Sócio)

De acordo com Odicélia, foi nesse ambiente que a fotografia entrou na vida de sua mãe, seu pai Socio era fotógrafo nato, revelava, enquadrava e entendia a técnica de forma precisa. Ele percebeu que Célia também possuía talento natural. Ela sabia centralizar, escolher o ângulo, criar cenários e captar o contexto das imagens. Não tinha curso, mas reunia sensibilidade, olhar atento e instinto artístico. Odicélia afirma que à medida que a saúde do seu pai se deteriorava, a fotografia passou a ser necessidade e, ao mesmo tempo, uma descoberta. Aos poucos, e inicialmente por indicação do próprio Sócio, Célia passou a assumir trabalhos como sessões caseiras, eventos comemorativos e registros familiares. Quando ele enfrentou três crises de cirrose hepática e faleceu em 1988, ano da inauguração do Bumbódromo, o que causou um grande impacto para a família. A imagem abaixo apresenta um registro fotográfico feito por Célia Sicsu durante o desfile de 7 de setembro, na década de 1980.

Figura 4.5 A imagem abaixo apresenta um registro fotográfico feito por Célia Sicsu durante o desfile de 7 de setembro, na década de 1980.



*Fonte: Imagem cedida por Odicélia Sicsu, que está armazenada no acervo do pesquisador.*

## **2. MEMÓRIA**

A memória constitui um elemento fundamental para a preservação e a compreensão do passado, desempenhando um papel decisivo na conservação e na transmissão de fatos, experiências e narrativas. No âmbito dos estudos históricos, sua relevância torna-se ainda mais evidente ao possibilitar o resgate de personagens pouco conhecidos ou marginalizados, bem como daqueles que exerceram influência significativa na trajetória do país. Como Alzira Vargas

que desempenhou um papel de guardião da memória de seu pai Getúlio Vargas, como visto por GOMES,1996 no artigo “A Guardiã da Memória”.

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo. (GOMES,1996 p.7)

Por meio da memória, é possível reconstruir contextos, interpretar processos sociais e reconhecer sujeitos que, de outra forma, permaneceriam invisibilizados. Assim, a memória não apenas completa lacunas deixadas pelos registros oficiais, mas também contribui para uma compreensão mais ampla e plural na história. De acordo com Matos (2000), as mudanças no campo da historiografia alteraram a forma de compreender quem pode ser considerado sujeito da história e como esse conhecimento é construído. A autora observa que as narrativas tradicionais, antes centradas em figuras únicas, passaram a ser repensadas, abrindo espaço para diferentes protagonistas e perspectivas. Nesse sentido, Matos afirma:

A personagem histórica universal cede lugar a uma pluralidade de protagonistas, deixando de lado a preocupação com a centralidade do sujeito. O método único e racional do conhecimento histórico foi questionado em suas concepções totalizadoras e impositivas, sendo substituído pela multiplicidade de histórias, o que não significa dizer que a história se encontra em migalhas” (MATOS, 2000, p. 19).

Segundo Alessandro Portelli 2010, destaca que “a memória não é só um espelho de fatos, mas um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si” p.10. Ao assumir essa perspectiva, compreendemos que lembrar não é simplesmente recuperar acontecimentos, mas atribuir significados a eles, significados que emergem do contexto social, das experiências individuais e das disputas simbólicas que moldam o olhar de cada sujeito. A memória, portanto, não funciona como uma reprodução fiel do passado: ela seleciona, organiza, acentua e, ao fazer isso, revela tanto sobre quem viveu o acontecimento quanto sobre o momento em que essa lembrança é construída afirma Portelli (2010). Reconhecê-la como fato histórico significa entendê-la como parte ativa da elaboração das narrativas coletivas, oferecendo espaço para que vozes diversas, especialmente aquelas excluídas dos registros oficiais, possam contribuir para a leitura do passado. É nesse encontro entre recordar e atribuir sentido que a história se torna mais densa e verdadeiramente humana.

Quando falamos em memória, não falamos de um “espelho do passado”, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado. É agora que recordamos, é hoje que falamos do passado, que contamos o passado. E a memória não é só um espelho de fatos, mas um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si. Não há apenas uma memória da História, há também uma história da memória: como muda, no curso do tempo, a maneira de recordar fatos históricos. (PORTELLI, 2010)

Podemos compreender a memória como uma superfície que reflete fragmentos do passado, mas não de forma estática ou literal. Ela projeta imagens que combinam lembranças individuais e experiências coletivas, revelando tanto o que foi vivido quanto o modo como atribuímos significado a esses eventos no presente. Assim, a memória funciona menos como um simples espelho e mais como um campo de interpretações, onde recordações se reorganizam, ganham novos contornos e ajudam a construir sentidos sobre nossa própria trajetória e sobre a história que compartilhamos enquanto sociedade.

### **3. HISTÓRIA ORAL.**

A história oral é uma metodologia de construção de fonte, por meio de entrevistas, as memórias e experiências de pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos, contextos ou períodos históricos, como afirma Alessandro Portelli (2010), no livro “História Oral e Poder”. Permitindo compreender o passado a partir de perspectivas pessoais e coletivas.

Dessa forma, a história oral amplia o entendimento da história ao incorporar sentimentos, interpretações e vivências que revelam a dimensão humana dos fatos históricos. Por que buscamos fontes orais? Por que trabalhamos com elas? Não só porque as pessoas que entrevistamos possuem informações de que precisamos, que nos interessam. É mais do que isso. É porque há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação, do scanner ao computer, excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. (PORTELLI, 2010)

Segundo Verena Alberti (2013) aponta a distinção entre a realização de pesquisas individuais e a implantação de um programa estruturado de história oral. A autora destaca como cada abordagem envolve finalidades e complexidades distintas, especialmente no que diz respeito à formação de um acervo de depoimentos. Nesse sentido, (Alberti 2013) afirma:

Um programa de história oral se caracteriza por desenvolver projetos de pesquisa fundamentados na produção de entrevistas como fonte privilegiada e,

simultaneamente, constituir um acervo de depoimentos para a consulta do público. Pesquisas individuais, como teses acadêmicas, podem produzir um conjunto de depoimentos, mas, ao contrário do que objetiva um programa, tal conjunto não se destina, de antemão, a formar um acervo aberto à consulta. A implantação e a estrutura de um programa de história oral são, portanto, necessariamente mais complexas do que a investigação de um objeto de estudo por meio da metodologia de história oral sem a preocupação de formar um acervo de depoimentos." (ALBERTI, 2013 p.35).

A partir da entrevista concedida pelos filhos<sup>7</sup> sobre Célia Sicsu, possivelmente uma das primeiras fotografias de Parintins, a história oral revela se uma ferramenta essencial para a preservação de memórias. Por meio de gravações em áudio, é possível registrar relatos que, posteriormente, são transcritos, como afirma Meihy (1996): “História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos”.

A história oral, ao lidar com memórias e depoimentos, exige um cuidado metodológico que garanta a preservação e o uso adequado dos registros ao longo do tempo. Nesse sentido, sua prática envolve etapas distintas que precisam ser conduzidas com rigor para assegurar a qualidade e a longevidade do material produzido. Como destaca Meihy (1996):

A história oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras, e por isso é importante separar as etapas de gravações de entrevistas, de estabelecimento dos textos, de suas análises e do arquivamento ou destinação. (MEIHY, 1996 p.18).

Portanto, a história oral se revela fundamental para recuperar narrativas que, de outra forma, permaneceriam invisíveis, permitindo registrar e organizar depoimentos que atravessam o tempo. No caso de Célia Sicsu dos Santos, possivelmente a primeira fotógrafa de Parintins, os relatos preservados por seus filhos reforçam a relevância desse método. Sua trajetória, pouco documentada por registros formais, ganha contorno e permanência graças aos testemunhos que mantêm viva a memória de seu trabalho, evidenciando a importância de preservar histórias que poderiam desaparecer sem o cuidado dedicado ao registro oral.

#### **4. GÊNERO**

A categoria “gênero” suscita debates constantes justamente por sua complexidade e pelo modo como atravessa as relações sociais. Sob esse olhar, fica evidente que as desigualdades entre homens e mulheres moldaram, por muito tempo, o acesso feminino a espaços tradicionalmente entendidos como masculinos. Segundo Perrot (2007), as mulheres foram

---

<sup>7</sup> Filhos de Célia Sicsu, Odicélia Sicsu dos Santos, Paulo Sergio Sicsu de Santos e Paulo Roberto Sicsu dos Santos

historicamente percebidas apenas “na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc.” (p.21), o que contribuiu para sua exclusão de diversas atividades públicas. Ainda assim, elas resistiram e buscaram ocupar esses espaços, enfrentando barreiras simbólicas e práticas. É nesse cenário que se insere a trajetória de Célia Sicsu, reconhecida como a primeira fotógrafa<sup>8</sup> de Parintins na década de 1980, cuja presença nesse ofício já revela o rompimento de algumas dessas fronteiras.

Segundo Scott (1989), a consolidação dos estudos de gênero no campo historiográfico exigiu não apenas a inclusão das mulheres como sujeitas de análise, mas também a formulação de novas ferramentas teóricas capazes de reinterpretar o próprio processo histórico. Para a autora, compreender o gênero como categoria analítica significa reconhecê-lo como um princípio organizador das relações sociais, cuja atuação se articula com outras dimensões estruturais, como classe e raça. É nesse contexto que Scott apresenta sua reflexão sobre como uma nova história poderia se formar a partir da incorporação dessas experiências e das interseções que produzem desigualdades e hierarquias.

A maneira como esta nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Aqui as analogias com a classe e a raça eram explícitas; com efeito, as(os) pesquisadoras(es) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mais global, recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história (6). (SCOTT, 1989 p.40).

Dessa forma, ao articular gênero às categorias de classe e raça, Scott (1989) reforça que a escrita de uma nova história só se torna possível quando as experiências femininas são compreendidas em sua complexidade, atravessadas por múltiplas dimensões de poder. A autora demonstra que não basta inserir as mulheres na narrativa histórica; é preciso questionar os modelos interpretativos que, por muito tempo, sustentaram sua marginalização. Nesse sentido, o uso rigoroso do gênero como categoria de análise não apenas amplia o campo historiográfico, como também desestabiliza perspectivas homogêneas sobre a experiência humana, permitindo interpretações mais plurais, críticas e sensíveis às desigualdades que moldam a vida social.

A compreensão do gênero como categoria capaz de transformar a própria prática historiográfica ganha ainda mais força quando observamos o debate proposto pelas feministas que, durante os anos 1970 e 1980, passaram a reivindicar mudanças profundas na forma como o conhecimento era produzido. Scott (1989) aponta que essas pesquisadoras não buscavam apenas inserir novos sujeitos na narrativa histórica, mas questionar os fundamentos

---

epistemológicos das disciplinas, chamando atenção para o fato de que as ausências femininas não eram acidentais, e sim estruturais. Nesse movimento, o gênero surge como um conceito político e analítico que tensiona os critérios tradicionais de relevância histórica, abrindo espaço para reconhecer outras experiências, sensibilidades e práticas como parte legítima do processo histórico.

Demais, e talvez o mais importante, o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. “Aprendemos”, escreviam três historiadoras feministas, “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. (SCOTT, 1989 p.3)

Diante disso, torna-se evidente que a incorporação do gênero como categoria analítica não representa apenas uma ampliação temática dentro da historiografia, mas uma ruptura metodológica que exige reconsiderar o que entendemos por “história” e quais experiências são legitimadas como parte dela. A crítica feminista, destacada por Scott (1989), revela que incluir as mulheres no campo histórico implica revisar hierarquias de valor, questionar narrativas consolidadas e reconhecer a centralidade das vivências subjetivas e cotidianas na construção social. Assim, ao assumir essa perspectiva, não apenas reconfiguramos os paradigmas interpretativos das ciências humanas, como também abrimos espaço para trajetórias antes silenciadas como a de Célia Sicsu emergirem com força própria na tessitura histórica.

Para Scott, o gênero deve ser concebido de forma rigorosa, evitando interpretações simplistas ou reducionistas. Trata-se de uma ferramenta que ilumina desigualdades, evidencia estruturas de poder e revela como experiências masculinas e femininas são historicamente construídas e hierarquizadas. Nesse sentido, aplicar a categoria gênero ao estudo da trajetória de Célia Sicsu não significa apenas identificá-la como mulher em um meio predominantemente masculino, significa reconhecer como sua presença desestabilizou padrões, redesenhou fronteiras sociais e inscreveu novas possibilidades para a participação feminina na história da fotografia parintinense.

Como destacam Rachel Soihet e Joana Maria Pedro 2007, a consolidação do gênero como ferramenta analítica não foi um processo imediato nem simples dentro da historiografia. Suas reflexões apontam para o lento reconhecimento, por parte da disciplina histórica, da

importância de incorporar as experiências, identidades e desigualdades expressas nas relações de gênero como elementos estruturantes da compreensão do passado.

A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a trajetória difícil que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica. (SOIHET e PEDRO, 2007 p.284)

Essa observação evidencia não apenas um atraso histórico, mas também a profundidade das barreiras epistemológicas que precisaram (e ainda precisam) ser superadas para que a experiência das mulheres e as relações de gênero fossem reconhecidas como dimensões legítimas do fazer historiográfico. O movimento de incorporação dessa categoria, embora tardio, transformou significativamente as formas de interpretar o passado, abrindo espaço para narrativas mais plurais, críticas e sensíveis às dinâmicas sociais. Assim, compreender esse percurso é fundamental para valorizar tanto os avanços atuais quanto a luta intelectual que permitiu que o gênero se consolidasse como ferramenta analítica indispensável na pesquisa histórica.

Segundo Perrot (2007), a própria escrita da história foi construída sobre silenciamentos profundos, onde as mulheres, relegadas ao que ela chama de uma “obscuridade de uma inenarrável reprodução”, permaneceram por muito tempo fora do relato oficial. A autora destaca que essa ausência não é acidental, mas resultado de escolhas históricas que colocaram as experiências femininas à margem do acontecimento, como se elas pertencessem a um outro tempo ou a um não-lugar. Em sua análise, Perrot (2007), aponta que esse silêncio não envolve apenas as mulheres, mas um verdadeiro “continente perdido” de vidas esquecidas. Ainda assim, é sobre elas que esse peso recai com maior força, revelando a profundidade e a persistência de um apagamento estruturado ao longo dos séculos.

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões. (PERROT, 2007. p. 16)

Reconhecer esses questionamentos, nos permite entender por que narrativas sobre Célia Sicsu são tão importantes. Ao recuperar a trajetória de uma mulher que viveu afastada dos espaços de reconhecimento, marcada por desigualdades de classe e pela desvalorização de seu trabalho, a historiografia não apenas amplia seu campo de visão, mas também repara

silenciamentos que por muito tempo moldaram o que se considerava digno de memória. Contar a história de Dona Célia é, portanto, um ato de afirmação e de responsabilidade intelectual: é reconhecer que vidas antes invisibilizadas possuem densidade histórica, contribuições próprias e perspectivas que desafiam leituras tradicionais. Ao trazer à luz experiências como a dela, reafirma-se a necessidade de uma história mais inclusiva, capaz de compreender a complexidade social e de reconhecer o valor de sujeitos que, apesar de marginalizados, deixaram marcas profundas em seus contextos e comunidades.

## 5. INSERÇÃO NO MUNDO DA FOTOGRAFIA

Segundo Odicélia Sicsu, a entrada de sua mãe no universo da fotografia não foi simples. Em um meio quase totalmente composto por homens, Célia Sicsu enfrentou olhares desconfiados, comentários atravessados e a necessidade constante de afirmar sua capacidade profissional. De acordo com Odicélia, a presença feminina, rara naquele cenário, gerava tanto resistência quanto curiosidade, criando um ambiente em que elogios e preconceitos se misturavam.

Algumas pessoas se assustavam por ela ser a única mulher, mas também tinham as pessoas que elogiavam, achavam muito legal ela estar ali, achavam que ela era corajosa e até mesmo descolada. Mas ela teve sim problemas com relação ao fato de ser mulher, no meio de só homens fotógrafos, né? Inclusive lá no trabalho, eu lembro bem dessa movimentação, **só homens fotógrafos, ela a única mulher**. Então, é claro que devia ter sim, muitos preconceitos, mais assim como tinha preconceito, tinha também aquele lado: “Não, eu quero tirar com ela, que ela é mulher, é melhor com ela”. Tinha muito isso também! (Entrevista de Odicélia concedida a Pedro Coelho Roger Kenned, 2025)

Esse relato evidencia que, mesmo diante de críticas e das tensões próprias de um ambiente marcado pela concorrência de homens fotógrafos, Célia não se deixava abalar e seguia exercendo seu ofício. A convivência entre olhares de estranhamento e manifestações de apoio revela a complexidade das experiências que ela enfrentava como a única mulher entre fotógrafos. A imagem abaixo, de 1989, ilustra esse cenário, onde Célia registrou seus colegas de trabalho incluído seu filho mais velho Paulo Sicsu, que tinha 19 anos na época.

Figura 6: A imagem é do ano de 1989, ilustra esse cenário, onde Célia registrou seus colegas de trabalho incluindo seu filho mais velho Paulo Sicsu, que tinha 19 anos na época



Fonte: Imagem cedida por Odicélia Sicsu, que está armazenada no acervo do pesquisador.

Segundo Odicélia, para que sua mãe fosse reconhecida, esses homens acabaram tendo que aceitar sua habilidade diante dos fatos. Célia não tinha complexo de inferioridade e não recuava diante de olhares hostis. Era firme, decidida e sempre se apresentava com elegância. Vestia-se muito bem, sempre produzida, chamando atenção pela postura segura e presença marcante afirma Odicélia.

Ela sempre entrava e saía de cabeça erguida. Ela nunca se preocupou com algum tipo de comentário, algum tipo de crítica. Ela sabia o que estava fazendo, ela tinha certeza do que estava fazendo. E ela ainda dizia que, se fosse ligar para tudo isso, ela não ia conseguir fazer nada, ela não ia conseguir adentrar nos lugares, ela não ia conseguir trabalhar, ela não ia conseguir nada disso, né? Então, abalar não, ela não se sentia abalada emocionalmente porque ela tinha essa força. Eu achava que ela gostava dela, ela gostava da imagem dela, ela gostava do que estava fazendo, e ela era segura disso. Então não importava se alguém falasse alguma coisa, criticasse, porque ela não ia sofrer com isso, né? Então ela fazia o trabalho dela. (Odicélia Sicsu entrevista concedida a Pedro Coelho Roger Kenned, 2025)

Podemos observar que a confiança, a autoestima e a determinação em seu trabalho foram essenciais para que Célia enfrentasse as adversidades de sua profissão, pois a fotografia é uma arte que exige sensibilidade e um olhar apurado características que ela possivelmente desenvolveu com a experiência prática.

A partir do fim dos anos 1980 e início de 1990, tornou-se figura importante na transição da fotografia em Parintins para um sistema mais organizado, afirma Odicélia. Com a criação

do Bumbódromo, surgiram exigências de credenciamento, reuniões e, futuramente, a formação de uma associação.

Em 1988, e criaram uma associação dos fotógrafos, mas que antes não tinha. E eles precisavam ter crachá, e a primeira polêmica foi reconhecer a mamãe como fotógrafa também, né, essa foi a primeira polêmica, acredito. Então essa foi uma dificuldade pra ela também. Mas ela estava acompanhando meu pai, que estava doente, então acho que foi assim que ela começou a ser reconhecida como fotógrafa, apesar de já fazer alguns trabalhos de fotografar junto com o meu pai, fazer trabalhos pra prefeitura, por exemplo, né, ela já fazia (Odicélia Sicsu entrevista concedida a Pedro Coelho Roger Kenned, 2025)

Paulo Sicsu também relata que, com o tempo Dona Célia, consolidou seu nome não apenas na fotografia social, mas também na fotografia política. Trabalhou para Glaucio Gonçalves e para Amazonino Mendes, sendo constantemente chamada para fotografar inaugurações, eventos oficiais e transformações urbanas. Realizou trabalhos que registraram momentos marcantes, como a antiga Praça do Cristo, a Praça do Jacaré, a Praça da Prefeitura, a Sapolândia, a Paraíba e diversas obras executadas por gestões municipais, incluindo períodos ligados ao grupo Carbrás, do qual tornou-se amiga pessoal. Em várias ocasiões, figuras públicas iam buscá-la pessoalmente para fotografar, demonstrando o reconhecimento que alcançou.

Ela chegou a acompanhar algumas vezes o as vindas do, na época o Amazonino Mendes, já governador, né? Na numa obra que é lembrada até hoje cidade que foi a construção do desse foi uma obra que foi feita pra resolver o problema da água que vivia empoçando né, na rua Álvaro Maia, aqui conhecida como Sapolândia. Então a minha mãe acompanhou esses trabalhos aí, né, na época. (Paulo Sicsu, entrevista concedida a Pedro Coelho, 2025)

Com isso, percebe-se a credibilidade que Célia construiu ao longo de sua atuação na fotografia, conquistando espaços e o respeito de muitos admiradores de seu trabalho.

Odicélia informa que além da fotografia, Dona Célia possuía múltiplas habilidades manuais, “Ela sabia fazer artesanatos. Ela olhava. Ela já aprendia. Entendeu? Costurava. Desenhava. Bordava. Cozinava. “. Aprendia observando e executava com precisão., afirma Odicélia.

De acordo com Paulo Roberto, após a morte de Sócio, Célia enfrentou períodos de dificuldades financeiras, contudo, isso não desmotivou a seguir em frente, contornava a ausência emocional do marido e mantinha a família unida.

É uma lembrança muito forte porque ela era muito trabalhadora, então ela corria atrás do pão de cada dia e foram momentos muito difíceis porque perdemos nosso pai. Então a lembrança que eu tenho dela nessa época, né, foi em 88, eu tinha 12 anos de idade, é muito forte, foi uma mulher muito guerreira e é uma inspiração muito grande

de pessoa trabalhadora, honesta, digna, e é isso aí. (Paulo Roberto, entrevista concedida a Pedro Coelho, 2025)

Assim, o depoimento revela a força de Célia não apenas como fotógrafa, mas como sustentação da própria família, evidenciando o papel central que desempenhou em meio às limitações impostas às mulheres naquele período.

Paulo Sicsu, também afirma que sua mãe ainda não recebeu o reconhecimento que merece pelo papel que desempenhou na história da fotografia em Parintins. Ele recorda que, “naquele tempo, não se falava muito sobre reconhecimento, sobre o valor de quem fazia esse tipo de trabalho”, mas ressalta que, ao revisitar o passado, é possível perceber “o quanto ela foi importante”. Para ele, o legado de Célia deve inspirar as novas gerações, que podem enxergar em sua trajetória “um exemplo de resistência e pioneirismo”. Paulo enfatiza que sua mãe mostrou, com seu próprio trabalho, que “as mulheres são capazes, muitas vezes até mais sensíveis e atentas do que os homens.

Eu acho que a única diferença que que o a figura masculina tem sobre a figura feminina é a força física, né? Em relação às outras coisas, eu acredito que as mulheres sempre são melhores que a gente, né? Elas são mais sensíveis, elas são mais atenciosas, né? E eu acho que é a gente que tem que aprender com elas (Paulo Sicsu, entrevista concedida a Pedro Coelho, 2025)

Segundo Odicélia Sicsu, em 2020, durante a pandemia, descobriu que sua mãe estava com câncer já em fase terminal. Viveu poucos meses após o diagnóstico e faleceu em 13 de agosto de 2021. Nesse período, Odicélia deixou tudo para cuidar da mãe até o último suspiro. A dor da perda foi seguida de outras dificuldades familiares, mas o legado de Célia permaneceu vivo.

Depois de sua morte, Célia é lembrada como possivelmente a primeira mulher fotógrafa de Parintins. Se destacando em um ambiente resistente à presença feminina, artista nata, profissional respeitada, mulher admirada e, acima de tudo, um exemplo de coragem, determinação e empoderamento.

## **6. BARREIRAS PARA UMA MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO**

Ao longo da história, a presença das mulheres em espaços profissionais, era atravessada por obstáculos que ultrapassam o mero acesso ao trabalho. Inserir-se em mercados tradicionalmente dominados por homens significava, por muitas vezes disputar visibilidade, reconhecimento e legitimidade. Segundo Perrot 2007, “é o processo da crescente visibilidade das mulheres em seus combates e suas conquistas nos espaços público e privado”. No caso de

Célia Sicsu, essa realidade se manifestou de forma particularmente dura. Segundo o relato de seus filhos, após a morte do marido, Célia se viu obrigada a assumir sozinha as despesas da casa. Mesmo assim, ao tentar se firmar como fotógrafa em Parintins, enfrentou resistência e desconfiança de colegas que descredibilizavam seu trabalho por ela ser mulher.

Célia precisou atravessar barreiras impostas por um campo profissional pouco receptivo à atuação feminina e insistir no exercício do seu ofício. Sua trajetória dialoga diretamente com análises de pesquisadoras que investigam a presença da mulher no mundo do trabalho. Como afirma Michelle Perrot (2007), “As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução...”

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível. Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato, na feira ou na loja. Sua maneira de lidar com o dinheiro trazia problemas, ainda mais quando eram casadas. (PERROT, 2007. p. 109)

Assim, mesmo quando passaram a ocupar ofícios fora do espaço doméstico, as mulheres continuaram enfrentando a lógica de desvalorização apontada por Perrot (2007). O reconhecimento profissional raramente lhes era concedido e, mesmo realizando tarefas idênticas às dos homens, muitas vezes recebiam menos ou eram vistas apenas como auxiliares, assim afirma a autora. A trajetória da fotógrafa Célia, dialoga com esse cenário, pois ela também precisou afirmar seu trabalho em um ambiente que insistia em questionar sua credibilidade, de acordo com sua filha Odicélia.

E eles precisavam ter crachá, e a primeira polêmica foi reconhecer a mamãe como fotógrafa também, né, essa foi a primeira polêmica, acredito. Então essa foi uma dificuldade pra ela também. Mas ela estava acompanhando meu pai, que estava doente, então acho que foi assim que ela começou a ser reconhecida como fotógrafa. (Odicélia Sicsu, entrevista concedida a Pedro Coelho e Roger Kenned, 2025)

Diante disso, quando a mulher aparece no espaço público, surge um certo estranhamento. Perrot (2007) afirma que as mulheres “manifestam-se na qualidade de mães, de donas de casa, de guardiãs dos víveres”. Por tanto, quando Célia Sicsu assumiu a profissão do marido e passou a ocupar o papel de provedora, esse estranhamento se fez presente. Ainda assim, a determinação de Célia em sustentar sua família foi maior do que qualquer desafio.

Paulo Sicsu, sua mãe encontrava na forma de se apresentar uma maneira de sustentar sua confiança em um ambiente onde a descredibilidade sobre seu trabalho era evidente. Como

ele afirma: “Sempre prestativa, sempre querendo fazer o bem. Eu a admirava muito. Ela nunca se deixava abater, sempre se colocava bem, gostava de se vestir bem e isso, acredito, dava a ela segurança para exercer seu trabalho com firmeza” relata Paulo.

A postura de Célia diante das críticas e da desconfiança que cercavam seu trabalho revela a firmeza com que ela conduzia sua vida. Como lembra Odicélia, “ela sempre entrava e saía de cabeça erguida” e “nunca se preocupou com algum tipo de comentário, algum tipo de crítica”, pois “sabia o que estava fazendo” e tinha plena certeza de suas escolhas. Para Odicélia, essa força vinha também do modo como a sua mãe se percebia e se apresentava ao mundo: “ela gostava dela, ela gostava da imagem dela, ela gostava do que estava fazendo”, e essa segurança a impedia de se deixar abalar. Assim, mesmo diante de possíveis julgamentos sobre Célia, seguia adiante “ela fazia o trabalho dela” sustentando sua autonomia em um ambiente que, muitas vezes, esperava o contrário.

A presença de Célia em um ambiente dominado por homens despertava reações diversas, como recorda sua filha Odicélia: “Algumas pessoas se assustavam por ela ser a única mulher, mas também tinham as pessoas que elogiavam, achavam muito legal ela estar ali, achavam que ela era corajosa e até mesmo descolada.” Mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos por ser “a única mulher no meio de só homens fotógrafos”, ela continuava firme em seu trabalho, consciente de sua competência. Ao mesmo tempo, por ser mulher também atraía uma forma diferente de reconhecimento, como quando alguns clientes diziam: “Não, eu quero tirar com ela, que ela é mulher, é melhor com ela” relatou Odicélia. Assim, essas ambivalências revelam não apenas as barreiras que a fotógrafa Célia precisou atravessar, mas também como sua presença reconfigurava expectativas e criava novos espaços de confiança em um ofício tradicionalmente masculino.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A trajetória de Célia Sicsu é mais do que lembrar a história de uma fotógrafa pioneira. É reconhecer a presença e a força de uma mulher que enfrentou um ambiente marcado pela desigualdade rompendo barreiras e abriu caminhos em uma profissão dominada por homens. A partir das memórias preservadas por seus filhos, compreendemos não apenas seu papel como profissional, mas também a dimensão afetiva, social e política de sua existência. Sua história revela como memória, oralidade e gênero se entrelaçam na construção de narrativas que dão visibilidade a trajetórias antes silenciadas.

No caso de Célia Sicsu, os relatos deixados a seus filhos tornam-se registros orais preciosos: vestígios de vida que rompem o silêncio, preservam sua memória e reafirmam seu lugar na história.

Por fim, ao recuperar sua trajetória, reafirmamos a importância de registrar experiências ausentes dos documentos oficiais, mas essenciais para compreender o legado deixado por personagens emblemáticos como Célia Sicsu, que se destaca como símbolo de coragem e pioneirismo. Sua luta possivelmente ecoa como inspiração para outras mulheres que ainda hoje buscam ocupar espaços negados. Sua memória, agora registrada, deixa de ser individual para tornar-se coletiva, assegurando que sua contribuição permaneça viva como referência histórica e como acesso para as futuras gerações.

## **FONTES ORAIS**

Entrevista com o Professor de Fotografia Paulo Sérgio Sicsu dos Santos, realizada por Pedro Melo Coelho Neto, no Liceu de Artes e Ofício Claudio Santoro, centro, em Parintins – AM, no dia 23 de maio de 2025.

Entrevista com o Professor e Personal Paulo Roberto Sicsu dos Santos, realizada por Pedro Melo Coelho Neto, nas dependências de casa do entrevistado, no centro, em Parintins – AM, no dia 29 de maio de 2025.

Entrevista com a professora Odicélia Sicsu dos Santos, realizada por Pedro Melo Coelho Neto e Roger Kenned Repolho de Oliveira, no Colégio Batista de Parintins. Centro de Parintins - AM, no dia 09 de junho de 2025.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. - 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória. Acervo** - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996. MATOS, M. Izilda S. **Por uma história da mulher**. 1. ed. São Paulo: 2000. v. 1. 60p.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 5ª edição: fevereiro de 2005 EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1996

PERROT, Michelle. *Escrever A história das Mulheres. In: Minha História das Mulheres. Tradução de Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007. P. 108-161.*

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) – Artigos.

SCOTT, Joan. W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990. p. 1 – 21.

SOIHET Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. Revista Brasileira de **História**, São Paulo, v. 27, n54, p. 281-300- 2007.